

O QUE DIZEM AS VOZES DA LOUCURA?

Maiara Pinho de Oliveira

RESUMO: A loucura tem voz, corpo, discursos e anunciações. O presente artigo questiona o modelo eurocêntrico de relação com o sujeito louco, modelo este pautado nas decisões jurídicas, médicas e de normatização das subjetividades. Para esta discussão a autora convida personalidades como Rosa Jardim, residente de um hospital psiquiátrico, o artista plástico Bispo do Rosário, o escritor e jornalista Lima Barreto e a artista inglesa Mary Barnes a conversarem entre si e com autoras e autores das amazônias que questionam a escrita da história desta região a partir do olhar do colonizador. As provocações e questionamentos sobre o lugares de enunciação daqueles que inventaram representações e verdades sobre a Amazônia impulsionaram a autora a questionar também os locais de enunciação das escritas e invenções sobre as loucuras. Este escrito propõe e fundamenta que os estigmas e verdades associadas à loucura poderão ser ressignificadas quando os sujeitos loucos puderem transitar em todos os campos sociais; não somente nas ruas, nas praças e nas escolas, mas também na e para uma nova escrita da sua história.

Palavras-chave: loucura, história, manicômio, Amazônia, decolonialidade.

ABSTRACT: Madness has a voice, a body, speeches and announcements. This article questions the Eurocentric model of the relationship with the mad subject, a model based on legal, medical and normative decisions on subjectivities. For this discussion, the author invites personalities such as Rosa Jardim, a resident of a psychiatric hospital, the artist Bispo do Rosário, the writer and journalist Lima Barreto and the English artist Mary Barnes to talk among themselves and with authors and authors from the Amazon who question the writing of the history of this region from the point of view of the colonizer. The provocations and questions about the places of enunciation of those who invented representations and truths about the Amazon prompted the author to question also the places of enunciation of writings and inventions about madness. This writing proposes and justifies that the stigmas and truths associated with madness can be re-signified when crazy subjects can move across all social fields; not only in the streets, in the squares and in the schools, but also in and for a new writing of its history.

Keywords: madness, history, asylum, Amazon, decoloniality.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

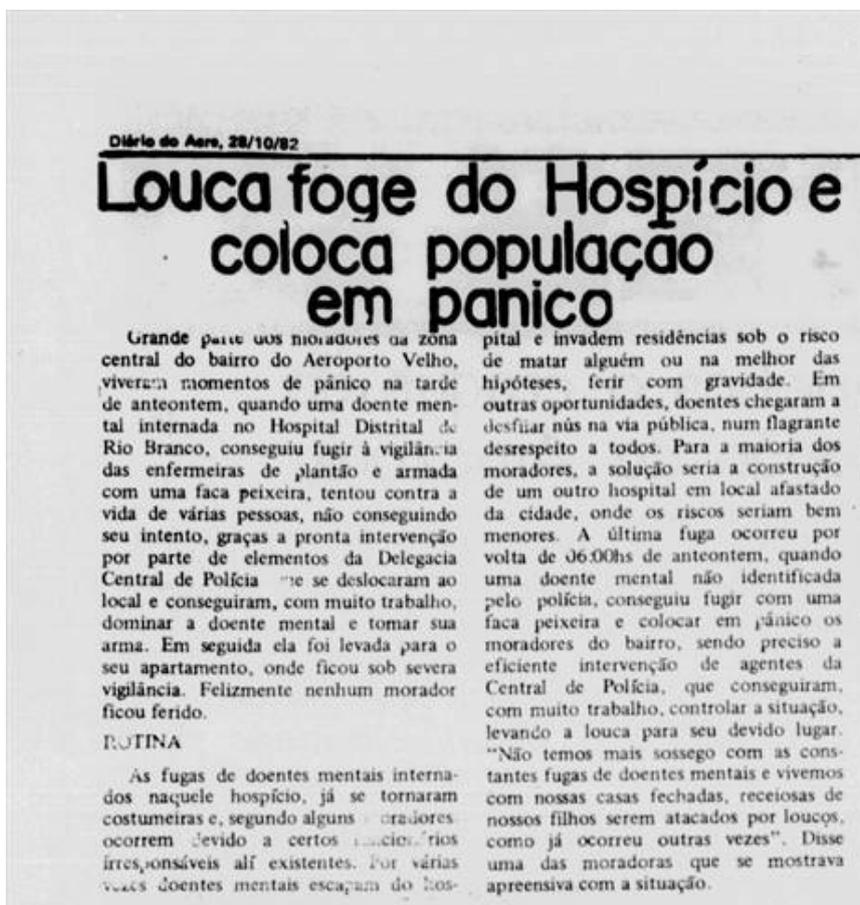
Desencobrir o manicômio da sua veste branca e asséptica ou do seu terno e gravata tão bem alinhados é descobrir humanidades, rostos com nomes e sobrenomes, com fantasias e desejos. É passar a ver por e através de um tule ralo que exige que se force a visão para encontrar focos, que se adeque o olhar para planos de figura e fundo ou para perceber possíveis pontos de fuga. Através desta fina camada vê-se um aspecto indesejável: a violência da separação dos residentes daqueles que os prenderam.

Rosa Jardim¹, residente há mais de dez anos no manicômio do Estado do Acre, não participa de ações coesas de formação educacional, sexual ou ocupacional e, sobre esta última, como prática punitiva por “mal comportamento”, a residente é privada de participar das que raramente acontecem fora dos muros hospitalares, ou seja, privam-na de seu direito legal, como preconiza o inciso segundo do artigo segundo da Lei da Reforma Psiquiátrica, lei 10.216 de 06 de abril de 2001: “ser tratada com humanidade e respeito e no interesse exclusivo de beneficiar sua saúde, visando alcançar sua recuperação pela inserção na família, no trabalho e na comunidade” (BRASIL, 2001, n.p.)

As visitas teóricas ao manicômio questionam o lugar que ele ocupa nas cidades, na política (pública), na economia e questionando ainda os seus modelos de intervenção baseados em técnicas de disciplinarização, de normatização, de controle e de colonização dos corpos e de saberes. (FOUCAULT, 2000). Mas o que as visitas ao manicômio às quartas e domingos dizem de Rosa Jardim e de tantos outros residentes e internos, o que dizem de seus rostos e de suas narrativas? Dizem que “inserção na família, no trabalho e na comunidade” está longe de fazer parte da realidade, que não há paridade participativa na vida social e que há silenciamentos próprios da colonização.

¹ Nome fictício de residente acompanhada por dois anos pela autora.

Que o manicômio protagoniza violências parece óbvio, mas não o é, pois isto vem a depender do lugar ou posição daquele que lhe direciona o olhar, olhar este que pode oscilar entre o manifesto a favor de sua reforma ao manifesto para que ele somente se afaste da cidade, afastando junto com ele os fugitivos importunos, como é possível perceber através de reportagem abaixo do jornal Diário do Acre (1982), em que membros da comunidade vem a acirrada vigilância e o maior isolamento como métodos e soluções para as constantes fugas, não discutindo as motivações destas, por exemplo.



Diário do Acre, 28 out. 1982. p. 07

Em meio a uma miríade de monóculos que se lançam sobre a instituição, há o sujeito louco, que é visto não como um todo, mas em partes, partido pelas diversas áreas do conhecimento. Este sujeito que, através da loucura, rompe com os paradigmas da normalidade e da normatização e que pode contar a sua história hoje, na maior parte dos casos aparece objetificado nas bibliografias.

Quando a história da loucura e do manicômio será também contada por estes sujeitos e por Rosa Jardim? Este é o questionamento central deste artigo.

Foi a partir da leitura da obra *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização* de Ana Pizarro (2012), em que a autora discute, já no primeiro capítulo, as imagens e discursos que colonizadores produziram sobre a Amazônia, que surge o interesse de questionar de qual lugar, de qual olhar ou a partir de quais vozes serão produzidas as imagens/discursos que (des)cobrem o manicômio. Segundo a autora "todo discurso é ideológico, na medida em que não é inocente, pois foi emitido por um sujeito em condições particulares e parte de um lugar específico de enunciação" (PIZARRO, 2012, p. 30). Aqui seria possível diferenciar o lugar da produção de imagens a partir das posições

de enunciação; do lugar das produções a partir de posições de enunciação. Este último é o anúncio das vozes públicas, que comunicam em alto volume seus pensamentos, anunciam violências, sexualidades, experiências. São as vozes locais a que se referiu Ana Pizarro na mesma obra supracitada, quando pontua a existência de registros e narrativas de nativos que podem ofertar outras tonalidades à história e à desconstrução dos imaginários sobre a Amazônia.

Nenevé e Sampaio (2015) também discutem e criticam a escrita sob a perspectiva de colonizadores sobre a região amazônica, questionando inclusive os lugares de enunciação de onde partem estes discursos. Estes autores também perguntam o que anunciam as vozes locais que são capazes de descolonizar o conhecimento sobre a região amazônica. Tal questionamento serviu de subsídio reforçador para a proposta apresentada aqui de descolonizar a escrita sobre os sujeitos loucos, e deslocar a reprodução de representações sobre a loucura da ideologia e dos saberes hegemônicos, para outras possibilidades produzidas pelos sujeitos.

“Um leitor crítico poderia perguntar por que não ouvir o povo brasileiro, o povo da Amazônia?” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015, p. 29). Leitores e leitoras poderiam se perguntar por que não ouvir os sujeitos internados ou residentes dos manicômios, dos hospícios, dos hospitais psiquiátricos, das comunidades terapêuticas? Até quando renegaremos penetrar a grossa camada biomédica, jurídica e psicopatologizante do manicômio para riscar livres traços historiográficos da loucura? O que a experiência com novas linguagens pode revelar que tanto amedronta pesquisadores e pesquisadoras, que amedronta a sociedade e suas normatizações?

Foi a partir das provocações e questionamentos dos locais de onde partiram e ainda partem a escrita da história e construção de imaginários amazônicos, que foi possível decidir o referencial bibliográfico utilizado neste artigo. Por esta inspiração, leitores e leitoras poderão se deparar com produções amazônidas, desde a autoria à organização ou edição, e com algumas vozes da loucura, sejam através da forma artística, biografada, escrita ou falada. Esta escolha responde ao convite feito pelos autores do parágrafo anterior a “prestar atenção nas pesquisas que são feitas por estudiosos da região” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015, p. 29), a prestar atenção nestas vozes que promovem diálogos aproximados com as perspectivas vivenciais locais ou do tema em questão.

CONVITES E INSPIRAÇÕES

Jamila Nascimento Pontes (2016) em seu artigo publicado no livro *Das Margens*, descreve suas experiências em um hospício/hospital psiquiátrico – como ela mesma denomina o dispositivo – da Amazônia. A autora convida para sua análise autores e autoras como Michel Foucault, Ana Mae Barbosa, Stuart Hall, Jorge Larrosa, Walter Benjamin, Paulo Amarante, dentre outros/as; e alguns artistas. O protagonista é um sujeito surdo a quem ela chamou de “sujeito de Olhos Atentos” e os demais são Antonin Artaud, Sara Kane e Camille Claudel. Não é difícil perceber, por algumas descrições que a autora faz, que o hospício em que esteve internado o “sujeito de Olhos Atentos” é o HOSMAC – Hospital de Saúde Mental do Acre.

O “sujeito”, na época, estava internado no hospício e torna-se participante da oficina artística em que a autora trabalhou. Jamila Pontes realiza algumas análises das produções artísticas do “sujeito” e ainda traz para o diálogo a leitura do artista sobre suas obras. O segundo convidado é Antonin Artaud, artista com múltiplas habilidades no teatro, desde a encenação à direção. Artaud esteve internado em vários manicômios da França e, por conta dos tipos de tratamentos e tipos de internação escreve, de dentro da instituição, cartas para o médico e para outras instituições e pessoas. Artaud narra suas histórias e vivência em primeira pessoa, sem atravessadores (ARTAUD,

2017); a terceira convidada é Sara Kane, atriz e diretora de teatro, que comete suicídio quando estava internada em hospital psiquiátrico. Jamila, escolhe a obra *Psicose 4:48*, para trazer a voz da dramaturga e assim compor as denúncias de violências institucionais e de desubjetivação por que passam as pessoas em situação de internação.

Esta obra já foi e ainda é amplamente estudada por profissionais da saúde e humanidades, pois é considerada a obra com descrições mais profundas e minuciosas de uma pessoa de estrutura psicótica antes de cometer suicídio ou em ideação suicida, o que é raro, pois tentativas de suicídio de pessoas psicóticas que estão em alto grau de sofrimento são, em geral, silenciosas, não deixam recados e são fatais. (DAMETTO, 1994).

A última convidada é a escultora Camille Claudel, a quem o grito é ouvido através de Liliana Viviano Wahba, o grito de pedido de liberdade por ser mantida por mais de 30 anos em sanatórios, involuntariamente e à pedido da mãe e irmãos contrários aos posicionamentos de médicos e pessoas da sociedade que defendiam sua sanidade.

Para dialogar com um interno do hospício, a autora convida estes outros três para além dos convidados que seriam “tradicionais” para esta discussão. Ela defende assim as relações, os sujeitos e não a objetificação destes, de maneira a enxergar outras possibilidades e assim “talvez possamos ouvir sua voz não apenas do domínio da razão científica e da desrazão do “louco”, mas no agenciamento, nas malhas tecidas em diferentes espaços”. (PONTES, 2016, p. 173).

Os convites são inspiradores: o de Pizarro, Nenevé e Sampaio para ouvir outras vozes para a (re)construção e novas escritas da história; o de Sara Kane e Antonin Artaud que, ao produzirem documentos de valor historiográfico incomensurável, convidam a sociedade a ouvir as vozes da loucura para a construção da sua história, das suas imagens e identidades. Isto é, o convite a ouvir internos e residentes para reconstruir o saber biomédico sobre os sujeitos, ressignificando inclusive o lugar do manicômio; e o de Jamila Pontes, que escolhe a voz de um interno que conta violências, paixões, vivências e mecanismos de controle social.

Seguindo a inspiração de Pontes, foram convidadas quatro personalidades para a discussão: Rosa Jardim, residente de um Hospital Psiquiátrico; o artista plástico Bispo do Rosário; o escritor e jornalista Lima Barreto e a artista e escritora inglesa Mary Barnes. O que todas estas personalidades tem em comum é a loucura? Não, a arte e/ou vivências com o sofrimento psíquico, exclusão e violência contra o diferente.

DO “SUJEITO DE OLHOS ATENTOS” AO BISPO DO ROSÁRIO

Wilson Lázaro (2006), curador do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, organizou, idealizou e produziu o livro *Arthur Bispo do Rosário: século XX*. Nele são expostas obras do artista e ainda dois textos principais, sendo que um deles é de autoria de Ricardo Aquino, psiquiatra, psicanalista e ex-diretor do museu. Quase todas as colocações que se seguem e que dizem respeito ao artista foram embasadas no texto de Aquino intitulado *Do pitoresco ao pontual: uma imagem-biografia* (AQUINO, 2006).

Porque o renomado artista é convidado a dialogar com o “sujeito de Olhos Atentos”? Em suas obras, ambos representam suas experiências, expõem violências institucionais e anunciam desejos. O Bispo chama a atenção para o manicômio através de suas produções virtuosísticas e o “sujeito” chama a atenção através do encontro com Jamila Pontes. O que o Bispo do Rosário diz sobre a Colônia Juliano Moreira e o que o “sujeito de Olhos Atentos” diz sobre o manicômio de Rio Branco?

Arthur Bispo do Rosário inaugura seu nascimento a partir do seu nascimento como artista, e isto acontece durante sua estadia na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro, instituição onde residiu por 50 anos, sendo que os últimos 25 anos foram ininterruptos, ou seja, Bispo esteve internado sem ter residido fora durante este período. Ao longo de sua permanência não passou por lobotomia, não esteve submetido ao eletrochoque, não utilizava medicamentos psiquiátricos e não participava das oficinas de terapia ocupacional. Por mais que existam bibliografias que defendem a obra de Bispo do Rosário como a obra de um louco (esquizofrênico paranoide), a sua criação não pode estar associada ao diagnóstico psiquiátrico, ao delírio ou à alucinação, tampouco também pode associar-se às terapias de uma maneira geral (AQUINO, 2006). A sua obra anuncia a catalogação do mundo como o seu compromisso principal e, para isto, o artista utilizou-se das dependências do manicômio para produzi-la, pois ali “ele criou as condições para o exercício do seu processo criativo” (AQUINO, 2006, p. 51).

O “sujeito de Olhos Atentos” também criou as condições para dizer-se, ele engajou-se na oficina de expressão artística, ele esteve atento, ele quis dizer-se anunciando o seu mundo e suas experiências. Assim como o Bispo, o “sujeito” deflagra suas experiências e a maneira como vê o mundo, contando desde fatos da infância até a maneira como foi levado ao manicômio involuntariamente.

É importante ressaltar que não é o propósito desta explanação fazer uma comparação das produções dos dois autores sob um prisma estético ou técnico, até porque seria incabível, posto que o Bispo tomou a arte como ofício e o “sujeito”, até onde está exposto no artigo de Jamila Pontes, não. Associar as obras dos dois tem o propósito de relacionar o que disseram as vozes dos dois sujeitos sobre a história da loucura e dos manicômios em que viveram:

Ocorre que, de fato, a Psiquiatria nada tem a dizer sobre ele. Isso não deve ser motivo de espanto e sim da óbvia constatação de que a sua vida e a sua obra encontram entendimento na arte e não na loucura, na criação artística e não na doença mental (AQUINO, 2006, p. 49).

O que Bispo do Rosário fala sobre a história da loucura é que a Psiquiatria Clássica não pode contá-la, mas sim o próprio sujeito nas suas inter-relações com o mundo e com as ferramentas das quais se vale, experimenta, inventa e reinventa; ouve-se de Bispo do Rosário a maneira como ele se utilizou dos mecanismos institucionais para produzir sua obra e que, a partir dela e da visibilidade que elas tiveram, chamou a atenção nacional e internacional para as condições do manicômio. Bispo, através de sua grandiosa obra, chama a atenção para as práticas manicomialis e ainda para os poderes de fora da instituição, pois conta como foi internado pelas mãos da igreja. O “sujeito de Olhos Atentos” revela ter sido levado pela polícia, sem precedentes.

São vozes que anunciam histórias diferentes das oficiais: “Quando estivermos preparados para rever as formas com que foram produzidos os discursos sobre o “louco” e enxergarmos outras possibilidades, talvez possamos ouvir sua voz não apenas no domínio da razão científica e da desrazão do “louco”, mas no agenciamento, nas malhas tecidas em diferentes espaços” (PONTES, 2016, p. 173). Espaços artísticos, de saudade, de partidas, de paixões, espaços de sujeitos.

A partir de vivências e relações e não somente de administração de medicações, talvez seja possível conseguir ouvir junto ao Bispo “a voz que me guia” e que, no “cubículo, manda que eu faça a mesma forma do lugar que eu passei”², e assim convidá-la para um espaço mais amplo de fala, como o fez o cineasta Hugo Denizart através do filme *O prisioneiro da passagem*, de 1983, de

² Bispo do Rosário referindo-se à sua representação da Colônia Juliano Moreira.

onde foram tiradas as falas acima e que expõe ao mundo alguns processos de criação do artista; ou como o fez Jamila Pontes em seu artigo, quando expõe à comunidade científica o processo do artista que se encontrava tão próximo aos seus primeiros leitores.

O que é possível ouvir da psiquiatria clássica e dos seus mecanismos de silenciamento e interação é o discurso sobre si mesma, sobre a sociedade baseada em poderes, em capitais/consumo, em normativas, em exclusão, e não sobre os sujeitos. Através das experiências dos dois artistas, é possível perceber que é o sujeito quem diz de si próprio através da arte e das relações e não das medicações e eletrochoques. A psiquiatria clássica diz de sujeitos esquizofrênicos, suicidas, bipolares, depressivos, maníacos e/ou o contrário disto, que, segundo sua visão, trata-se de sujeitos passivos, comportados, laborais, colaborativos. Até quando esta voz ainda será ouvida acima das vozes dos sujeitos? Jamila Pontes auxiliará na resposta:

O discurso tem seu ritual, coloca cada coisa em seus lugares previamente definidos. Contudo, a arte o subverte. A linguagem pode delirar, livrar-se dos trilhos, seja na prosa, verso, nas cores, formas, linhas, sons e ainda no palco. Fora do contexto da arte, na realidade bruta da vida, porém, isso é praticamente impossível. Nesta, o pensamento pode até delirar, mas não a palavra e muito menos o corpo, porque o gesto, assim como a palavra, é vigiado. (PONTES, 2016, p. 172).

A partir da citação acima, talvez uma boa resposta à pergunta possa ser: quando nos desapaixarmos pela norma e pela exclusividade do delírio, afinal quem delira, Bispo do Rosário ou seu diagnóstico de “louco do tipo esquizofrênico paranoico”? (AQUINO, 2006, p. 55). Até quando irá durar esta paixão que se nega a ouvir discursos como o do segundo entrevistado (residente da Colônia) do filme de Hugo Denizart, discursos estes que dizem do presente, dos mecanismos atuais, de verdades impostas a partir de opressões:

[...] não tem louco que o sujeito possa botar são, loucura ninguém compreende. Psiquiatria estuda o ego, a alma. Você crê nisso? Em psiquiatria? Eu não creio, eu não posso crer.

As minhas atitude fere a moral, a minha moral não foi ferida, eles tem que me trazer pro hospício, mais nada.

Quem compreende aquilo entende que aquilo não é loucura³ (...) é uma distração.

(...) Com 17 anos você acha que eu ia precisar de algum hospital? Por mais decente ou indecente que nós sejamos, tem a justiça, paga na cadeia... mais decente do que chegar aqui e abrir a cabeça dos outros.⁴

Entrevistador: Você se considera doido?

Eu não me considero, mas o quê que adianta? A minha opinião é nula. O dono da opinião é eles que assina... que fizeram... esses médicos deram diagnóstico e tudo o que se fala é incrédulo, é nulo, é sem conceito (O PRISIONEIR, 1983).

As “vozes da loucura”, em sua maior parte, são deslegitimadas e quando acontece o contrário, tem força para participar da discussão através da arte, das invenções, das virtuosas, loucas virtuosas, delirantes virtuosas, e não através do sujeito delirante, que pode ser o mesmo que produz grandes obras. O “sujeito de Olhos Atentos” não parecia delirante, mas também não produziu obra de virtuoso significado estético/artístico que tivesse força suficiente para voltar os olhares, os ouvidos e as atenções para as humanidades e para as identidades que residem no manicômio de Rio

3 Referindo-se às primeiras produções do Bispo do Rosário, quando o mesmo representava objetos da marinha, onde trabalhou e era pugilista.

4 Provavelmente, aqui, o entrevistado refere-se à lobotomia ou à leucotomia, técnicas neurocirúrgicas que objetivavam a mudança comportamental. (MASIERO, 2003).

Branco, como o fez Bispo do Rosário. Ao contrário disto são falas “incrédulas”, “nulas” e “sem conceito” frente ao discurso biomédico de poder.

Indo um pouco mais ao lado, o que o manicômio diz dos sujeitos é um ponto, e o que ele discursa sobre o bairro onde está implantado? O que o bairro diz sobre o manicômio também parece ser anulado e sem conceito, da mesma forma que, por se tratar de bairros periféricos tem anulado seus saberes e seus poderes de discussão por parte de poderes centrais do território.

Para os sem razão restariam duas alternativas: a eliminação física ou a exclusão do convívio social pela inclusão em uma instituição. Não é por acaso que os asilos psiquiátricos como a Colônia Juliano Moreira em a colônia em Paracambi, no Rio de Janeiro, o de Barbacena, em Minas Gerais e o Juqueri, em São Paulo, se localizam na periferia. No limite entre o humano e a animalidade; na passagem da cidade ao campo, da razão para a irracionalidade. (AQUINO, 2006, p. 55).

Acrescenta-se à lista o Hospital de Saúde Mental do Acre - HOSMAC, no bairro do Aeroporto Velho, implementado no ano de 1978 sob o nome de Hospital Distrital. Para lá vão os sem razão, para o manicômio do bairro que era o lugar que não passava de “imensas lixeiras onde amontoavam-se centenas de famílias que ali se localizaram devido ao êxodo dos seringais”. (CARLOS, 1978, p. 05).

Não só o sujeito dito “louco” é estigmatizado pelo saber de poder, mas um bairro inteiro. O bairro do distrital como ainda é conhecida a Sobral.

AS VOZES DE LIMA BARRETO, MARY BARNES E ROSA JARDIM

Maria de Jesus Morais (2014), em diálogo com autores e autoras como Stuart Hall, Edward Said, Tomaz Tadeu da Silva e Kathryn Woodward, engaja-se em discutir o termo “Acreanidade” como aquilo que, por um tempo, definiu a (uma) identidade acreana. A partir dos autores citados, Maria de Jesus parte primeiramente da discussão das construções históricas e sociais da identidade, o que servirá de referência para discutir o termo loucura como o que define a identidade do sujeito que quebra com a ordem, com a moral, com os critérios de decente e indecente, como exemplificado no excerto anterior da voz do segundo entrevistado no filme *O prisioneiro da passagem*

Quem será incluído e quem será excluído e como é feita esta escolha são perguntas pertinentes diante do tema abordado neste artigo. Quem será excluído da sociedade e incluído no manicômio? As vozes de quem terá poder para definir esta condição? São as instituições de poder, aquelas mesmas que definem a moral e normativas a serem seguidas, que definirão quais os comportamentos (delirantes ou não) que poderão circular na cidade e terem suas vozes escutadas nas ruas, praças e calçadas.

A identidade (da loucura) “é construída em uma relação de poder, ou seja, o processo de diferenciação não é natural, preexistente, não é um mero dado, mas a construção e invenção de si. (...) E é nessa afirmação que se revela que quem tem o poder de representar tem também o poder de definir e determinar a identidade”. (MORAIS, 2014, p. 200). Quem tem o poder de representar e determinar a identidade da loucura são as estruturas que objetivam o controle e criação de uma identidade pura e homogênea, o que é impossível “pois muitos são os ‘outros’ que nos servem de espelho no estabelecimento de nossa identidade, seja no sentido de marcar a diferença, seja no desejo de estarmos em consonância com eles”. (MORAIS, 2014, p. 202). Não será enclausurando o sujeito que se comporta, pensa e existe de maneira diferente da ideologia política, econômica e religiosa hegemônica e de poder que este espelho deixará de existir, porque as existências e as identidades são espelhos que não conseguirão sempre cumprir com as necessidades de controle do poder.

Discutindo a impossibilidade da existência de uma só identidade, de um só modelo de comportamento e de desejos iguais, o poder biomédico, psicológico, jurídico e religioso depara-se ante a impossibilidade de dizer, representar e identificar a loucura, porque não há a possibilidade de encerrar os sujeitos em seus desígnios, eles fogem, criam e recriam possibilidades para dizerem-se, em primeira pessoa.

Lima Barreto (2017), no diário de internação manicomial que redige no ano de 1920, revela a desconfiança do saber do psiquiatra que o atende, justamente porque o médico não propõe relações e sim diagnósticos:

Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato em si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério! - que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. Não tenho por ele antipatia; mas nada me atrai a ele (BARRETO, 2017, p. 37)

Uma das naturezas observadas por Lima Barreto é que “os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre” (BARRETO, 2017, p. 38). Como poderia lidar com esta natureza o médico que dita o saber, a identidade e encontra-se em lugar de privilégio em detrimento dos direitos negados à maior parcela da população, sendo esta louca ou não? Poderia lidar como Joseph Berke, acompanhante psiquiátrico da artista plástica e escritora Mary Barnes.

Ronald D. Laing, psiquiatra e psicanalista escocês, fundou a partir da década de 60, alguns centros terapêuticos para tratar de pacientes esquizofrênicos em estados severos. R. D. Laing ficou conhecido por sua prática alternativa de não submeter pacientes a restrições e tampouco a intervenções medicamentosas. Mary Barnes ficou sendo a paciente de destaque desta prática clínica, pois para além de ter tido notoriedade como pintora, escreveu uma obra autobiográfica juntamente com seu preceptor no centro Kingsley Hall em que viveu em Londres, o psiquiatra Joseph Berke⁵. A esquizofrênica em estado grave de fragmentação foi substituída por Mary Barnes, a pintora e a escritora que sabia que “a loucura era um passo no caminho da verdade. Era o único meio.” (BARNES; BERKE, 1977, p. 21). Era e foi a única maneira que a autora teve para conseguir questionar as regras e silêncios de sua família, da mesma forma que foi a única maneira de se tornar artista. A loucura a distanciou da família e, a partir da terapêutica de R. D. Laing e vínculos afetivos com Berke e demais moradores do centro, não foi calada pela medicalização comum à época e ainda nos dias de hoje. Foi a partir dela que Mary Barnes pode se reconstruir dona de si e de sua voz.

Os estudantes de psicologia não precisam mais continuar a ser filisteus linguísticos, presos a uma ‘ciência’ que trata qualquer linguagem, com exceção da própria, como uma degeneração ininteligível da sua, e, pior ainda, um grave sinal de perturbação mental, em qualquer pessoa que a fale. As palavras e os movimentos do ‘louco’ não são uma degeneração de qualquer língua; consistem, antes, num acontecimento sem paralelo, ao qual se pode aprender a responder (BARNES; BERKE, 1977, p. 99).

Mary Barnes sabe o que e como a sua voz se comunica. Ela convida que profissionais da área aprendam a escutar, da mesma maneira que Lima Barreto critica a Psiquiatria clássica por esta não ter subsídios nem disponibilidade para ler a natureza.

A autora acredita que novas práticas e novas compreensões das disciplinas ligadas à saúde mental podem permitir a compreensão “da linguagem de pessoas que nossa cultura consideraria

5 Informações extraídas da autobiografia de Barnes (1977) *Viagem através da loucura*.

como ‘loucas’”. (BARNES; BERKE, 1977, p. 98). Se a construção da identidade “está ligada às estruturas discursivas e narrativas oficiais” (MORAIS, 2014, p. 211), estas novas práticas e compreensões não gerariam novas estruturas discursivas e identitárias sobre a loucura? Discursos estes criados em conjunto, a partir das relações, do ouvir tantas vozes quanto possível, de maneira a não ser possível estabelecer identidades, mas sim diálogos e encontros.

Rosa Jardim será convidada uma vez mais a fazer parte desta conversa. No prontuário de internação da residente consta o seguinte prognóstico: “A paciente não possui capacidade laborativa, não tem condições de reger a própria vida e atos da vida cível”⁶. Diante dos exemplos de Bispo do Rosário e Mary Barnes, em que ambos conseguiram se livrar das práticas médicas abusivas e silenciadoras, é quase impossível acreditar que a história e a trajetória de Rosa Jardim possam estar encerradas neste prognóstico psiquiátrico.

Pacheco (2014) discute a urgência em realizar “perguntas básicas, como quem é você? Como você se identifica?” para construir “uma história democrática, inclusiva, descentrada, capaz de dialogar com a diferença e respeitar as diversidades culturais” (p.86). Rosa Jardim não pode estar encerrada em diagnósticos e prognósticos, da mesma maneira que é preciso ouvir outras vozes, as vozes locais sobre as representações e culturas amazônidas, é preciso ouvir os saberes e sabores de Rosa Jardim e permitir-lhe escrever e escolher seus caminhos.

Lima Barreto, Mary Barnes e Bispo do Rosário têm a possibilidade de escrever suas histórias, seus terrores e vícios, seus desejos e alegrias, escrevem sobre suas loucuras. O que diferencia estes três de Rosa Jardim, que assim como tantos outros internos e residentes do HOSMAC não tem suas vozes audíveis o suficiente para a sociedade escutar? Uma leitura possível talvez seja prognóstico de “incapacidade laborativa”, que subjuga o sujeito a uma forma de estar no mundo, que é através do trabalho, como única forma possível de identidade: o artista, a enfermeira, escritora e artista, o jornalista. O que Rosa Jardim tem como potencial talvez não seja forte o suficiente para ganhar lugar de notoriedade na sociedade.

Aqui se divide a loucura em duas categorias, os loucos laborativos e os não laborativos; ou, os loucos geniais e os não geniais. Isso quer dizer que uma forma de o nome próprio vir antes do diagnóstico psiquiátrico seja a habilidade sobre humanas, que romantizam uma certa loucura em detrimento da loucura alienada, uma loucura em graus.

Quem poderia dizer que Lima Barreto, diante de seus delírios e alucinações, conseguiria prosseguir a vida mesmo após as internações?

No começo eu gritava, gesticulava, insultava, descompunha; dessa forma, vi-as familiarmente, como a coisa mais natural deste mundo. Só a minha agitação, uma frase ou outra desconexa, um gesto sem explicação denunciavam que eu não estava na minha razão.

O que há em mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá? (BARRETO, 2017, p. 53).

Rosa Jardim, diferente dos demais artistas, não desenvolveu potencial artístico e ainda não possui o saber da leitura e escrita, sendo portanto difícil fazer com que sua voz atravesse os muros. Neste caso, a promulgação da Lei da Reforma Psiquiátrica não tem sido suficiente e com o poder necessário para quebrar as barreiras de ideias impostas sobre a identidade da residente.

A escrita e o potencial artístico configuram-se como poderes e tem lugares reservados para as suas falas.

[...] o Hospício é uma prisão como outra qualquer, com grades e guardas severos que mal nos permitem chegar à janela. Para mim, porém, tem sido útil a estadia nos condomínios

⁶ Arquivo pessoal da autora do artigo.

do senhor Juliano Moreira. Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia *O cemitério dos vivos*. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto coisas interessantíssimas (BARRETO, 2017, p. 234).

O jornalista e escritor Lima Barreto é digno de entrevistas em primeira mão e, mesmo que não tivesse esta oportunidade, ofertaria seu relato através de seu livro; Mary Barnes é digna de entrevistas e exposições nacionais e internacionais; Bispo do Rosário é digno de um museu em seu nome. A história de Rosa Jardim está sendo escrita por psiquiatras e enfermeiros e sua identidade é designada por um código de sua possível doença mental. Desta maneira, ela pertence e é comparada aos demais sujeitos que possuem o mesmo código ou pertencem à mesma categoria deste.

Rosa Jardim conta suas histórias para companheiras de ala, vez ou outra divide com alguns companheiros da ala masculina, no entanto seu desejo maior é de construir novas histórias fora do manicômio. Ela não apresenta a pretensão de estudar para escrever suas vivências na instituição, mas para poder comprar suas próprias roupas, ensinar seus filhos e conviver em ambientes diferentes deste que está cotidianamente visitando há mais de 10 anos. Ela deseja ouvir outras vozes e poder decidir quem vai ouvir a sua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terezinha de Freitas Ferreira (2006) relata que parte de pacientes/residentes do antigo Hospital Distrital – inaugurado em 1978 –, hoje HOSMAC, “jamais tiveram alta, até porque perderam, há muito, o contato com suas famílias. Tais pacientes eram oriundos da zona rural e/ou municípios considerados longínquos e de difícil acesso à época”. (p. 52). Alguns destes pacientes ainda são residentes do HOSMAC, outros já faleceram e há ainda aqueles que, como Rosa Jardim, podem vir a pertencer à categoria dos que jamais receberão alta, mesmo após 18 anos da Lei da Reforma Psiquiátrica entrar em vigor.

A referida Lei dispõe sobre o direito da pessoa com transtorno mental de ser inserida na sociedade, o que quer dizer que a instituição tem a obrigatoriedade de elaborar planejamento condizente e, mesmo que a pessoa não tenha vínculos familiares fortalecidos, este fato não determina a impossibilidade de esta, junto à equipe de apoio, vir a desenvolver novos vínculos com a comunidade, com o trabalho ou com amigos.

O “sujeito de Olhos Atentos” foi levado ao manicômio pela polícia e ficou internado pelo período de dois anos, sem diagnóstico que justifique o longo período de exclusão social⁷. Este longo período de exclusão em muito justifica-se por frágeis vínculos familiares ou condições sociais e afetivas insuficientes para auxiliar o “sujeito” em sua vida em sociedade. Caso o “sujeito” volte a ser direcionado ao manicômio, o mesmo pode vir a tornar-se residente assim como os demais internos de longa duração que tem vínculos sociais e familiares também frágeis. Diante de internações de mais de 40 anos, é possível inferir que planejamentos eficazes de inserção social não foram e não serão prioridade, principalmente em um contexto político de desmonte de direitos adquiridos.

Em Nota Técnica (nº 11/2019) divulgada pelo Ministério da Saúde do atual Governo Federal, a internação em hospitais psiquiátricos passa a fazer parte da Rede de Atenção Psicossocial (Raps) contando com a internação de crianças e adolescentes (BRASIL, 2019). O uso da eletroconvulsoterapia também é estimulado e verbas serão destinadas para a compra dos equipamentos.

⁷ Informações coletadas pela autora deste artigo a partir de entrevista com funcionário da instituição.

As novas diretrizes para a atenção em saúde mental, como as referidas anteriormente, ferem e desmontam a Lei 10.216/2001, pois que a internação e o eletrochoque são meios extremamente invasivos, de privação de liberdade e punitivos, ferindo assim, os direitos humanos.

Tentar aqui estabelecer diálogos e fazer ouvir as vozes da loucura tem a pretensão de propor a re-escrita da história da loucura a partir das pessoas que carregam este estigma, mas também de questionar os posicionamentos que são tomados com relação a este assunto, questionar posicionamentos como o da exclusão, da medicalização compulsória, o da internação como alternativa terapêutica e das práticas punitivas. Não se posicionar de maneira contrária a isto revela uma sociedade que apoia e deseja a exclusão da diferença e de diferentes linguagens, é ser contrário às transformações de paradigmas sociais, culturais e identitários hegemônicos como um processo necessário.

Da mesma maneira que se faz urgente o convite e legitimação de novas escritas locais sobre as Amazônias e sobre os processos de colonização e invasão, é importante que escritas sobre esta região contemplem e discutam encarceramentos, políticas de território, a fragilidade das políticas contra o tráfico humano em regiões de fronteira, da política de exclusão de sujeitos loucos do convívio social, dentre outras escritas que revelam violências contra a dignidade humana.

A história da loucura, contada por Foucault (2017) descreve processos de colonização dos corpos e das subjetividades, em prol do controle e da disciplinarização. Apesar de hoje ser possível encontrar bibliografias, documentários e autobiografias de pessoas com diagnósticos de transtorno mental e que vivenciaram internações, esta produção ainda é incipiente e não se faz significativa e com força suficiente para desmistificar estigmas de que a loucura está associada à violência, à promiscuidade, ao exibicionismo, à perversão, à alienação e a discursos delirantes e incompreensíveis.

Que vozes são estas, audíveis, que poderíamos conduzi-las para outros portos de atracamento para daí migrarem para outros lugares, as vozes das naus que teimam em determinar seus próprios percursos de existência, as vozes medicadas por saberes eurocêntricos e hegemônicos? São culturas, gostos, re-existências, linguagens e criações de novas identidades; são amores, é o êxodo rural, cores, etnias escravizadas; são genialidades confinadas, sexualidades proibidas, filhas, avós, netas e mães de alguém; são homens e mulheres em constante transformação, com desejos, com ganâncias, com insônias e preocupações. O manicômio, segundo alguns internos e residentes, não fala de loucuras, ele é uma proposta para a sociedade falar de si, é um espelho de suas perversões e dominações, um retrato de processos de colonização. O louco tem quem o diga em primeira mão, assim como os amazônidas, os encarcerados, as mães, os leprosos, e tantos outros e outras mais cujas qualidades ou especificidades ganharam o *status* de substantivos. Os sujeitos não podem estar encerrados em substantivos que os designam, pois estes são a complexidade de suas experiências e produções de histórias.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Ricardo. Do pitoresco ao pontual: uma imagem-biografia. In: LÁZARO, Wilson. *Arthur Bispo do Rosário: século XX*. Prefeitura do Rio de Janeiro; IMAS Juliano Moreira; Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Editora: [s.n.], 2006.
- ARTAUD, Antonin. *A perda de si: cartas de Antonin Artaud*. Organização de Ana Kiffer; Tradução de Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BARNES, Mary; BERKE, Joseph. *Viagem através da loucura*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- BARRETO, Lima. *Diário do hospício: o cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BRASIL. *Lei 10.216 de 6 de abril de 2001*. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de

transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm>. Acesso em: 18 set. 2019.

BRASIL. *Nota Técnica Nº 11/2019-CGMAD/DAPES/SAS/MS*. Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas. Disponível em: <<http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf>>

CARLOS, Luís. Enfocando: bairros periféricos. *O Jornal*. Rio Branco, 18 dez. 1978.

DAMETTO, Carmem. *Filicídio e considerações sobre o narcisismo*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1994.

FERREIRA, Terezinha de Freitas. *A reforma psiquiátrica da florestania no contexto da reforma psiquiátrica brasileira*. Rio Branco: EDUFAC, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 15ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura: na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 11ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LOUCA foge do Hospício e coloca população em pânico. *Diário do Acre*, Rio Branco, 28 out. 1982. p.07.

MASIERO, André Luis. *A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros*. *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p.549-572, agosto de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000200004&lng=en&nrm=iso>.

MORAIS, Maria de Jesus. O discurso da acreanidade: ambiguidades e consensos. In: ALBUQUERQUE, Gerson; ANTONACCI, Maria Antonieta. (Orgs.) *Desde as Amazônia: colóquios – volume 1*. Rio Branco: Nepan Editora, 2014.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. In: ALBUQUERQUE, Gerson; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. *Literaturas e Amazônia: colonização e descolonização*. Rio Branco: Nepan, 2015.

O PRISIONEIRO da passagem Arthur Bispo do Rosário. Filme de Hugo Denizart. Direção e produção: Maria Alves de Lima. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Produção Independente, 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PjgP1LYLZOU&t=6s>

PACHECO, Agenor Sarraf. Rostos marajoaras: “zonas de contato” afroindígenas em fronteiras atlânticas. In: ALBUQUERQUE, Gerson; ANTONACCI, Maria Antonieta. (Orgs.) *Desde as Amazônia: colóquios – volume 1*. Rio Branco: Nepan Editora, 2014.

PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PONTES, Jamilya Nascimento. Entre silêncios e narrativas: expressões artísticas em um contexto psiquiátrico amazônico. In: ALBUQUERQUE, Gerson (Org.). *Das margens*. Rio Branco: Nepan Editora, 2016.

Data de submissão: 15/08/2019

Data de aprovação: 20/09/2019